



# **A Zona Rio Cafeeira: uma expansão pioneira**

**Hildete Pereira de Melo<sup>1</sup>**

## **Resumo**

O objetivo do artigo é discutir a expansão pioneira da lavoura cafeeira na região fluminense, o maior feito da história econômica regional. A riqueza acumulada pela atividade determinou o povoamento da Província e da cidade do Rio de Janeiro como pólo de irradiação para a ocupação de um vasto território no Sudeste do Brasil. O café começou nos arredores da capital, aproveitando a estrutura de plantação existente. No início como agricultura complementar e depois sob o impulso da elevação dos preços internacionais, caminhou para a região serrana. O cultivo desenvolveu várias cidades e vilas. Foram usados os dados extraídos da obra de Laerne (1885), do Censo de 1920 e dos levantamentos sobre a produção cafeeira do Departamento Nacional do Café para os anos de 1920 e 1930, por serem as únicas fontes em que foi possível encontrá-los. A importância do traçado das zonas de café é mostrar a ordem cronológica da marcha do café na antiga Província do Rio de Janeiro.

**Palavras chave:** produção pioneira de Café, Rio de Janeiro, Ocupação territorial.

---

<sup>1</sup> Doutora em Economia da Industrial e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF). End: Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Economia. R.Tiradentes, 17INGA 22241-090 - Niteroi, RJ – Brasil. E-mail: jlizardo.rlk@terra.com.br

## **The Zona Rio Cafeeira: a pioneer expansion**

### **Abstract**

This paper aims to discuss the pioneer expansion of coffee crop in the Fluminense region, the greatest achievement of regional economic history. The wealth accumulated by the activity determined the settlement of the Rio de Janeiro province as a pole for the occupation of a large area in southeastern Brazil. The coffee crops began near of the capital, taking advantage of the existing planting structure, starting as agriculture complement. After the international prices rising, the coffee arrives to the mountain region. The culture developed several cities and towns. Data of the Census of 1920 was used and data about the coffee production of the Departamento Nacional do Café - 1920 and 1930. They are the only sources that were unable. The importance of mapping the coffee is to show the chronological order of the coffee plantation evolution in the Rio de Janeiro region.

**Keywords:** pioneer coffee production, Rio de Janeiro, territorial occupation.

O objetivo deste artigo é discutir a expansão pioneira da lavoura cafeeira na região fluminense, o maior feito da história econômica regional. A riqueza acumulada pela produção e exportação de café determinou o povoamento da Província e, sobretudo, firmou a cidade do Rio de Janeiro como pólo de irradiação para a ocupação de todo um vasto território no Sudeste do Brasil.

O café seguiu os passos da lavoura canavieira nas terras do Rio de Janeiro, começando nos arredores da capital, aproveitando a estrutura de plantação existente. No início como agricultura complementar e depois sob o impulso da elevação dos preços internacionais, caminhou para a região serrana. O cultivo do café estimulou a ocupação do interior fluminense, a produção cafeeira escoada pelos portos da Baía da Guanabara, desenvolveu várias cidades e vilas na sua marcha em busca de terras virgens e florestadas.

Com relação ao caminho percorrido pelo café no Estado do Rio de Janeiro foram usados os dados extraídos da obra de Laerne (1885), do Censo de 1920 e dos levantamentos sobre a produção cafeeira do Departamento Nacional do Café para os anos de 1920 e 1930. Estas foram as únicas fontes em que foi possível encontrá-los desagregados por municípios, de modo que fosse possível desenhar as zonas cafeeiras do Rio de Janeiro. Como o cafeeiro é uma árvore produtiva por cerca de 50 anos o fato de usarmos dados municipalizados dos anos de 1920 e 1930 não invalida a análise para as primeiras décadas republicanas, pois estes eram cafeeiros plantados na sua maioria há mais de 20 anos.<sup>2</sup>

A importância do traçado das zonas de café é mostrar a ordem cronológica da marcha do café na antiga Província do Rio de Janeiro. Assim, o artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, foi feita uma síntese da formação da intitulada "Zona Rio", e em segundo é analisado a expansão pioneira da cultura do café pelas zonas produtoras da província/estado.

## **A formação da Zona Rio**

A Zona Rio compreendia uma área de cerca de 155.000 km quadrados de extensão de clima marítimo numa altura média de 200 a

---

<sup>2</sup>A historiografia define de uma maneira geral a cafeicultura fluminense do início do século XX como sendo plantações velhas. M. Etesse em artigo publicado em 1932 classificou as áreas produtoras de café do Estado do Rio de Janeiro como "todas essas plantações são de velha lavoura", "A Cultura Cafeeira no Brasil" in Revista do Instituto do Café, Ano VII, Jan./1932.

550 metros, conhecidos como terras meias laranjas. No início dos anos de 1880 estavam plantados, nesta região, aproximadamente 700.000 hectares com café e toda a produção cafeeira era exportada pelo Porto do Rio de Janeiro (LAERNE, 1885, 324). Desta zona de produção cerca de 75.000 km quadrados pertenciam a antiga Província do Rio de Janeiro e o restante dividido pelas Províncias de Minas Gerais, na sua parte leste entre o Rio Paraíba do Sul e a Serra da Mantiqueira com cerca de 35.000 km quadrados e um pequeno segmento de São Paulo e Espírito Santo.

Fisicamente a Zona Rio compreendia as terras entre as Serras da Mantiqueira e a do Mar, abrangendo as regiões acima citadas. No vale existente entre essas duas montanhas corre o Rio Paraíba do Sul, que nasce em São Paulo e deságua no Oceano Atlântico na baixada Campista, numa extensão de cerca de 1.058 km, dos quais 540 km em terras fluminenses.<sup>3</sup> Nas palavras de Gileno de Carli (1942, p. 253) este rio "tem o sentido mais civilizador de todos os rios. O grande rio foi o motivo de duas culturas, que no tempo porfiaram numa posição de destaque na economia brasileira...cortando as ondas dos cafezais e depois a baixada dos canaviais". A Mantiqueira e a Serra do Mar definiam o "vale do café" e o isolavam da Capital Imperial, a cidade do Rio de Janeiro. "Uma imensidade de rios deságuam na Baía do Rio de Janeiro: tendo suas nascentes nas montanhas vizinhas, seu curso é, geralmente, pouco extenso, mas facilitam o transporte das mercadorias e são de maior utilidade para o abastecimento da capital" (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 19).

A cultura cafeeira foi iniciada na cidade do Rio de Janeiro em meados do século XVIII.<sup>4</sup> As primeiras sementes trazidas do Pará foram plantadas em chácaras e jardins<sup>5</sup> do Convento dos Barbadinhos

---

<sup>3</sup> Este rio nasce sob o nome de Paraitinga a oeste do Rio de Janeiro, atrás da cidade de Parati, na Serra do Frade, ao sul da Serra da Bocaina e percorre, no sentido de oeste uma parte da Província de São Paulo, mudando, depois, numa curva fechada, sua direção para sentido contrário, isto é, para leste. Muito sinuoso, segue, então, paralelamente à costa sulina da Província do Rio de Janeiro, formando no centro o limite entre esta e a de Minas Gerais, para finalmente, desembocar no oceano. Burmeister, H. "Viagem ao Brasil. Através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais", Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/USP, 1980, pág. 165.

<sup>4</sup> Nestes anos o café já era plantado abundantemente nas chácaras e sítios dos arredores do Rio de Janeiro para consumo interno. Essa produção, no entanto, propiciou o conhecimento do cultivo e facilitou a grande expansão posterior. Sobre o assunto consultar o trabalho de Ferrez, G., "Pioneiros da Cultura de Café na Era da Independência", Rio de Janeiro, IHGB, 1972.

<sup>5</sup>A historiografia registra que o Regente D. João VI, teve papel de destaque na difusão da cultura cafeeira, na segunda década do século passado, distribuindo sementes recebidas

na rua Barbonos (hoje Evaristo da Veiga), pelo holandês João Hopman na sua chácara de Mata-Porcos (atual rua Haddock Lobo), jardins do Convento de Santa Teresa ganhando as matas do maciço da Tijuca e Serra da Carioca. O bispo D. José Joaquim Justiniano na Fazenda Capão e o padre Antônio do Coito Fonseca no Mendanha em Campo Grande a partir da década de 1780 foram responsáveis pela irradiação da cultura cafeeira na região e por quase todo o País.<sup>6</sup>

Nos primeiros anos do século XIX as fazendas de café com plantações de cinco a dez mil pés de café se espalhavam pela Tijuca, Andaraí, Jacarepaguá. As maiores fazendas nomeadas por Ferrez (1972, p. 63) no Rio de Janeiro e consideradas pioneiras no plantio em larga escala foram as fazendas São Luís de Luís François Lecesne com 50 mil pés de café e a Nassau de Charles Alexander Moke com cerca de 40 mil pés, ambas na Gávea Pequena. As matas da Tijuca e a Serra da Carioca haviam sido derrubadas, primeiro para a fabricação de carvão vegetal e depois transformadas em cafezais. Lá se plantavam também mandioca, milho, arroz e feijão. A devastação da mata diminuiu os mananciais que abasteciam a cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que o governo, alarmado com o problema, em 1857, iniciasse um processo de desapropriação das roças e propriedades da Tijuca. E em 1861 o Major Archer começasse o reflorestamento da região, a fim de proteger os mananciais.<sup>7</sup>

O café vai caminhando para o interior do país. O deslocamento da fronteira de expansão do café a partir do Vale do Paraíba seguiu duas direções, uma para as terras roxas do Oeste Paulista e a outra caminhou nas terras fluminenses no sentido do Norte em direção a Minas Gerais e o Espírito Santo. Até a Abolição da Escravatura (1888) a Zona Rio tinha a hegemonia nacional como porto exportador de café. Na segunda metade do século XIX o café iria provocar uma profunda revolução econômica em São Paulo, transformando-a na mais opulenta região do País. Em 1885 as exportações de café da Zona Santos<sup>8</sup> representavam cerca de 40% das exportações brasileiras, chegando próxima da fluminense que haviam atingido seu máximo em 1882 (FRAGA, 1963, p. 6). Na década de 1890 a produção cafeeira paulista

---

de Moçambique, aos proprietários de terras nos arredores do Rio de Janeiro e dos sítios da baixada fluminense.

<sup>6</sup>Sobre o assunto consulte Francisco Freire Alemão in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Tomo 19, p.569-571.

<sup>7</sup>Sobre a Floresta da Tijuca ver a obra Maya, Raymundo de Castro, "A Floresta", Rio de Janeiro, Bloch, 1967.

<sup>8</sup>Termo usado por Laerne (1885)

firmou-se definitivamente no cenário nacional como a maior região produtora de café do Brasil. O decênio compreendido entre 1885 e 1895 foi um dos períodos mais longos de preços altos do café no mercado mundial. Essa alta dos preços conjugada ao processo inflacionário dos primeiros anos da República e ao grande afluxo de imigrantes em São Paulo, provocaram uma aceleração no plantio de novos cafezais. Esta expansão da lavoura cafeeira ocorreu majoritariamente nas terras paulistas<sup>9</sup>, no Estado do Rio de Janeiro o café praticamente havia atingido a fronteira política do Estado, restando apenas as terras do altiplano de Itaperuna para serem exploradas. Foi desta região que se sustentou ao longo das décadas seguintes a cafeicultura fluminense.

A Zona Rio viveu, no decorrer destas primeiras décadas republicanas, da expansão cafeeira ocorrida nas terras mineiras e em menor proporção do crescimento da produção de café do Espírito Santo, isto explica a pujança comercial da cidade do Rio de Janeiro, na medida que intermediava o comércio de café da região, além de ser o maior porto importador do País. Este, nestas décadas, era responsável pela entrada de quase 50% das importações brasileiras e por cerca de 20% das exportações nacionais. O significado do volume destes negócios e da rede de comercialização necessária a sua realização tiveram um efeito multiplicador de rendas na cidade do Rio de Janeiro. Possibilitando o surgimento do implante da indústria carioca do final do século XIX. A concentração da riqueza na região também pode ser demonstrada pela distribuição do PIB regionalmente. O Rio de Janeiro e Minas Gerais respondiam em 1900 por 57% deste, é bem verdade que São Paulo que tinha 3% em 1872, detinha naquele ano 22%, o que evidencia as grandes transformações sofridas pela economia paulista com a expansão cafeeira daquelas últimas décadas (BUESCU, 1981, p. 352).

A importância da Zona Rio cafeeira foi assegurada nas primeiras décadas republicanas pelo crescimento das lavouras de café dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O café mineiro foi majoritariamente escoado pelo Porto do Rio de Janeiro e pelo de Angra dos Reis (RJ). O capixaba com a construção da ligação ferroviária de sua região produtora no sul do Estado (Cachoeira de Itapemirim), antes da ferrovia essa região tinha sido largamente tributária do porto do Rio de Janeiro, mas com a ferrovia passou a exportar seu café diretamente pelo porto de Vitória (tabela 1). No entanto, cerca de 20% da produção cafeeira capixaba continuou sendo comercializado pela

---

<sup>9</sup>Em 1900 São Paulo contribuía com cerca de 2/3 da produção brasileira de café.

Zona Rio. Até a Segunda Guerra Mundial o porto do Rio de Janeiro manteve embarques de café oriundos de São Paulo e Espírito Santo, além do tradicional café mineiro. Nos anos 1930 um pouco mais da metade do café embarcado pela Zona Rio era mineiro, 26% eram grãos fluminenses e cerca de 10%, respectivamente, paulistas e capixabas.<sup>10</sup> Assim, as exportações de café fluminense escoadas pelo Porto do Rio de Janeiro foram minguando ao longo dos anos 1890, sendo substituídas pela produção mineira, com a ajuda valiosa do café capixaba e paulista. Como estas cafeiculturas não são objetos deste estudo, quando necessário, se usará pesquisas já efetuadas para cada região separadamente.

### **A expansão pioneira da Zona Rio**

O caminho percorrido pela lavoura cafeeira no Rio de Janeiro iniciou-se no Recôncavo do Rio de Janeiro a partir das Serras da Tijuca e Carioca e seguiu duas diretrizes: uma passando pela Serra do Mendanha na direção de Resende e a outra para os lados de São Gonçalo, acompanhando os baixios fluminenses até a região Serrana do Centro e o Norte da Província/Estado. O avanço se processou tendo duas determinantes básicas: evitar climas quentes, que não favoreciam o café e a busca por terras florestadas, essenciais ao sucesso da cultura cafeeira.

O Departamento Nacional do Café, nos anos 1930, dividiu o Estado do Rio de Janeiro em quatro regiões produtoras: Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba ( Barra Mansa, Barra do Pirai, Pirai, Paraíba do Sul, Petrópolis, Resende, Sapucaia, Santa Theresa, Valença e Vassouras), Zona Serrana do Centro (Bom Jardim, Cantagalo, Carmo, Duas Barras, Macaé, Nova Friburgo, São Francisco de Paula, São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena, Sumidouro), Zona Norte Fluminense ou do Vale Norte do Paraíba (Campos, Cambuci, Itaocara, Itaperuna, São Fidélis, Santo Antônio de Pádua) e a Zona Litorânea ou da Baixada ( Angra dos Reis, Araruama, Barra de São João, Cabo Frio, Capivari, Cassimiro de Abreu, Iguaçu, Itaboraí, Itaguaí, Mangaratiba, Maricá, Parati, Rio Bonito, Rio Claro, São João Marcos, Sant'Ana do Japuíba). Adotaremos esta classificação para descrever o processo de expansão da lavoura cafeeira ao longo de todo o período na região fluminense.

---

<sup>10</sup>Estes embarques paulistas e capixabas oscilaram entre 500 mil a 1 milhão de sacas de café dependendo do ano considerado. Anuário Estatístico do Café, 1940/41, Rio de Janeiro, DNC, 1942, p.51 e segts.

A marcha do café no Rio de Janeiro está demonstrada nas tabelas e gráficos a seguir apresentados. Os dados foram colhidos nas obras de Laerne (1885) e nos Anuários do Café e nos Recenseamentos Gerais e através deles foi possível traçar a ordem cronológica da invasão do café nas terras fluminenses.

Vindo da cidade do Rio de Janeiro o café chegou ao Vale Sul do Paraíba no início do século XIX. Em 1830 as exportações de café brasileiro foram de 480 mil sacas e em 1833 estas atingiram 1 milhão. Este fabuloso crescimento processou-se majoritariamente no Vale Sul do Paraíba, nas terras da vertente da Serra da Mantiqueira e da Serra do Mar chamadas de "desertos das montanhas", cobertas de matas, solo granítico e bem drenado, habitadas pelos índios Puris, Sucuris e Coroados, que foram repelidos ou exterminados pelos cafeicultores. Na década de 1820-1830 transformou-se a Província do Rio de Janeiro, com a abertura de grandes fazendas pelas margens do rio Paraíba do Sul e seus afluentes, galgando as numerosas serras da sua bacia.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>Em mensagem à Assembléia Provincial em 1838 assim se expressava o Presidente da Província, Paulino José de Soares Souza: "O café desta Província cuja concorrência no mercado estrangeiro era no ano de 1810 apenas sensível, forma hoje o seu principal ramo de exportação, a qual presentemente excede a muito mais de dois milhões e trezentas mil arrobas, quase tudo de primeira qualidade. Sertões, outrora incultos, ermos e cobertos de matas virgens acham-se hoje em grande parte rateados, povoados e cobertos de estabelecimentos rurais, que daqui a alguns anos poderão talvez dobrar ou triplicar a nossa exportação e atual riqueza" . MPPRJ - março de 1838.



**Tabela 1: Exportações Cafeeiras Brasileiras em Alguns Portos de Embarque (em mil sacas de 60 Kg)**

Estado Produtor	Mercados	1935	1936	1938	1939	1940
SP	Santos	8.765	9.988	11.346	10.403	6.927
	Rio de Janeiro	268	260	515	324	281
	Vitória					
	Angra dos Reis				50	29
MG	Santos	608	723	931	704	567
	Rio de Janeiro	1.344	1.994	1.431	1.578	1.275
	Vitória	244	334	91	178	50
	Angra dos Reis	389	14	670	520	216
RJ	Santos					
	Rio de Janeiro	665	913	832	777	454
	Vitória					
	Angra dos Reis					
ES	Santos					
	Rio de Janeiro	275				
	Vitória	1.126	1.256	1.314	1.142	673
	Angra dos Reis					
TOTAL	Santos	9.461	10.813	12.376	11.209	7.690
	Rio de Janeiro	2.552	3.421	3.163	3.084	2.286
	Vitória	1.370	1.589	1.405	1.320	716
	Angra dos Reis	389	14	670	570	245
	<b>BRASIL</b>	<b>14.743</b>	<b>16.775</b>	<b>18.645</b>	<b>17.142</b>	<b>11.839</b>

Fonte: Anuário Estatístico do Café, 1940/41, Departamento Nacional do Café, Rio de Janeiro, 1940/41

Desta forma, o café saiu das "terras baixas", do Recôncavo do Rio de Janeiro para a "serra acima", onde as condições físicas eram mais favoráveis ao seu cultivo. Os cafezais espalharam-se na contracorrente do rio Paraíba do Sul correram para São Paulo e a jusante invadiram Barra Mansa e Piraí. A cidade de Resende foi o primeiro município criado no Vale Sul na febre da expansão cafeeira. Stein (1953, 23) afirmou que a "plantação do café era experimentada em vários tipos de solos e de terrenos, a princípio provavelmente em antigos campos de milho e de cana até que a experiência demonstrasse

que o solo virgem e a terra bem drenada eram essenciais ao seu cultivo proveitoso".

Entre 1830 e 1880 a Zona do Vale Sul do Paraíba deteve a hegemonia econômica da Província. O cultivo de café era o negócio mais lucrativo do Império e o Vale do Paraíba do Sul foi, por excelência, a terra do café, "o vale da escravatura e das grandes fazendas" (COUTY, 1884, p. 388). Nestes tempos áureos do café "nem o homem nem a terra descansava" (STEIN, 1953, p. 33), as matas virgens foram sendo vorazmente derrubadas, a perspectiva de grandes lucros, devido aos altos preços do café no mercado mundial transformou a vida da sociedade fluminense/carioca.<sup>12</sup>

Os anos de 1830/1850 foram de intensificação do tráfico negreiro e este esteve intimamente associado à expansão da cafeicultura no Vale Sul do Paraíba.<sup>13</sup> O término do tráfico, em 1850, permitiu uma súbita concentração de riqueza, tanto por parte dos grandes fazendeiros como dos negociantes de escravos. Os plantadores haviam se endividado na compra de grandes lotes de escravos, quando seus preços ainda eram baixos e tiveram grandes lucros com a sua súbita valorização. Os comerciantes negreiros transformaram os capitais antes investidos em navios e escravaria em novos negócios na cidade do Rio de Janeiro, como bancos, casas de importação e exportação, companhias de transportes.<sup>14</sup>

Em meados do século XIX o café era o responsável por um pouco mais de 40% das exportações brasileiras, enquanto o açúcar, segundo produto da pauta, correspondia de 20% a 30% (Tabela 1). Sebastião Ferreira Soares (1860, p. 212) afirmava que 79% do café embarcado pelo Porto do Rio de Janeiro nos anos de 1850 procedia da

---

<sup>12</sup>Confrontando-se a estimativa populacional de 1819 com o censo de 1872, verifica-se a transferência definitiva do eixo econômico do nordeste açucareiro para o sudeste cafeeiro. Em 1819 a primeira região detinha 51,2% dos cativos do país; 61 anos depois, o sudeste aparecia com 59% desta população. Perpassando tal movimento, nota-se que, a partir de 1831-40, as rendas de exportação do café ultrapassam as do açúcar". Fragozo, op. cit., p. 131.

<sup>13</sup>Mensagem do Presidente da Província do Rio de Janeiro Paulino José de Soares Souza, março de 1838 e Stein (1985, p.51)

<sup>14</sup>Conforme Ferreira Soares, Sebastião, op. cit., especialmente as páginas 23 e 54 e as palavras de Mauá foram elucidativas " reunir os capitais, que se viam repentinamente deslocados do ilícito comércio e fazê-los convergir a um centro donde pudessem ir alimentar as forças produtivas do país". Irineo Evangelista de Souza Mauá, Visconde de - Autobiografia (Exposição aos Creadores e ao Público), seguida de "O Meio Circulante no Brasil", Rio de Janeiro, Livraria Valverde, 1942.

Província do Rio de Janeiro, o restante originava-se em São Paulo (11%), Minas Gerais (8%), Espírito Santo (2%).

O café andou pelas trilhas das tropas de mulas, nos caminhos das antigas veredas do ouro. Em 40 anos todo o Vale do Paraíba do Sul e parte das terras mais férteis da região próxima do Município Neutro, antes colonizadas pelo açúcar estavam abarrotadas de cafeeiros. A prosperidade da Zona Vale Sul do Paraíba era inegável, mas a terra deu sinais de cansaço. A técnica agrícola utilizada era rudimentar e "não se empregando nem um outro meio de melhorar a terra nem adubo nem irrigação, nem outro qualquer, em pouco tempo fica ela cansada, lavra-se a terra pelo mesmo modo e com os mesmos instrumentos que há 300 anos"<sup>15</sup>.

Os fazendeiros que tinham, nas décadas anteriores, visto o cafeeiro se adaptar espetacularmente àquelas terras e diante dos preços ascendentes do mercado mundial, não buscavam outras "rotinas" que não as conhecidas de antanho. Havia também outros problemas que não podiam ser resolvidos apenas com uma boa administração, as sucessivas pragas ajudaram a exterminar muitos cafezais na região: as pragas erva-de-passarinho, borboleta abreviaram a vida produtiva dos cafeeiros e isto junto com a formiga saúva foram, em meados do século XIX, o pesadelo dos plantadores de café no Vale.

Assim, na sua marcha itinerante o café caminhou para a Zona Serrana do Centro da Província. A vila de Cantagalo, cujas terras tinham sido desbravadas no final do século XVIII por garimpeiros que buscavam ouro nos rios locais foram invadidas pela "onda verde". Ainda nesta região serrana, as terras acima do Rio Macacu da fazenda conhecida como Morro Queimado, depois denominada Nova Friburgo, tinham sido palco de uma das primeiras tentativas de colonização em grande escala feita pelo Governo Imperial. Foram 2.005 imigrantes suíços trazidos entre 1819 e 1829, destes apenas 1.682 colonos chegaram vivos no Rio de Janeiro e posteriormente outra leva de 342 pessoas provenientes da Alemanha chegaram em 1824.

Estas terras eram na sua maioria impróprias para o cultivo e o viajante suíço Tschudi<sup>16</sup>, em 1857 constatou essa situação descrevendo o local desta maneira:

*Não sei a que atribuir a escolha tão infeliz do local da colônia, se a ignorância ou ao desleixo.*

<sup>15</sup> - Furquim de Almeida, Caetano, "Carestia de Gêneros Alimentícios", Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1858, p.12 e 13.

<sup>16</sup>Tschudi, op. cit., p. 101.

*Estou, entretanto inclinado a crer que se procedeu de acordo com o frio cálculo e idéias preconcebidas, que se podem resumir da seguinte maneira: essas terras não tem para nós nenhum valor, mas os pobres colonos suíços as tornarão cultiváveis e as aproveitarão, pois a miséria os obrigará tal. (1857, 101)*

O incremento da lavoura de café no distrito próximo de Cantagalo atraiu dezenas de colonos suíços e alemães para aquelas terras e os que permaneceram em Nova Friburgo plantaram milho, feijão, batatas, hortaliças, criaram animais domésticos e também gado, fabricando queijo e manteiga. O viajante Tschudi observou que esta tentativa frustrada de colonização européia em Nova Friburgo teve grande influência no desenvolvimento da lavoura cafeeira de Cantagalo, pois permitiu um afluxo de habitantes para a região, investindo contra a selva e os índios na criação de novos cafezais.

Assim, em 1883 quando Laerne visitou o interior fluminense a mancha cafeeira das terras das Zonas do Vale Sul do Paraíba e da Serrana Central cobria 85% da produção de café do Rio de Janeiro. Esta expansão tinha provocado o crescimento de inúmeras cidades e vilas, e estas terras começavam a ser penetradas pelas ferrovias.

Os sintomas da crise da lavoura cafeeira de produção escravista se refletiam na Zona Litorânea nas terras da "serra abaixo", como nas terras da "serra acima" do Vale Sul do Paraíba. Os Anais da Assembléia Provincial de 1873 relatavam o desaparecimento de cafezais em várias localidades da Província, onde a terra e as condições físicas não eram favoráveis ao cultivo. Assim, o esgotamento do solo e a escassez de mão-de-obra (pela não resolução da questão do escravismo) levavam a uma diminuição da produção agrícola do Recôncavo do Rio de Janeiro, que se consubstanciou em fraqueza e abandono das terras<sup>17</sup> e numa produção de subsistência.

Entre 1860 e 1880 a Zona Vale Norte do Paraíba era dominada pela lavoura canavieira, mas sua porção Noroeste eram ainda terras "livres" e foram um chamariz para os cafeicultores. Eram terras de tabuleiros, altos vales, os contrafortes da Serra do Mar, contrastando com os terrenos de aluvião da baixada campista, onde imperava a cana-de-açúcar. Na década de 1880, esta Zona já possuía 12% dos cafeeiros do Rio de Janeiro e perdurará ao longo das décadas vindouras como a principal zona produtora de café do Rio de Janeiro.

---

<sup>17</sup>Anais da Assembléia Provincial do Rio de Janeiro, 1861, página 51.

Esta breve descrição do caminho percorrido pelo café nas terras fluminenses até a Abolição da Escravatura sintetiza bem a observação de Barros de Castro sobre a mobilidade da lavoura cafeeira. Esta compreendia uma zona pioneira, onde o café estaria penetrando, caso do Vale Norte do Paraíba, uma região no qual este se encontrava em plena produção como a Zona Serrana do Centro e uma zona decadente, onde a lavoura se encontrava em regressão, como o Vale Sul do Paraíba e a Baixada.<sup>18</sup>

Infelizmente não foi possível obter dados para a lavoura cafeeira fluminense, no século XIX, além do número de pés de café por fazenda e localidade obtidos no trabalho de Laerne. Só com o Recenseamento de 1920 foi possível conseguir novas informações sobre a cafeicultura do Rio de Janeiro distribuídas por municípios.

Comparando nas Tabelas 2 e 3 os dados de 1883 com os de 1920 observa-se a transferência da lavoura de café do Vale Sul do Paraíba para o Norte Fluminense e a plena maturidade das plantações cafeeiras da Zona Serrana do Centro. Para fazer esta comparação, como não se dispunha de dados populacionais para 1883, foi feita uma interpolação geométrica das populações entre os censos de 1872 e 1890 para aquele ano (tabela 2). Este procedimento permite analisar a evolução de indicadores da economia cafeeira sem as distorções decorrentes de se combinarem dados defasados de onze anos entre pés de café e população. Esta tabela demonstra claramente a crise da Zona Vale Sul do Paraíba e o início da ascensão da Zona Norte Fluminense. O pequeno crescimento da Zona Serrana do Centro deve-se a cafezais mais novos, que haviam sido plantados depois da febre expansionista de 1840, a baixa média de vida dos cafeeiros desta zona garantiu uma produtividade idêntica a média do Rio de Janeiro. Observa-se que o crescimento das plantações de café foi sem dinamismo, ligeiramente superior a média regional, que foi de 3% a.a. (tabela 2 e gráfico 1)

---

<sup>18</sup>Castro, A. B. "Sete Ensaios sobre a Economia Brasileira", Rio de Janeiro, Forense, 1971, p.61.

**Tabela 2****População do Rio de Janeiro nas Zonas Cafeeiras**

	1872		1883		1890		1920	
	habs	% Zona	(interpolado)	% Zona	habs	% Zona	habs	% Zona
Vale Sul do Paraíba	207.114	34	218.428	32	225.948	30	307.270	25
Serrana do Centro	87.826	15	109.252	16	125.534	17	246.303	20
Litorânea	232.913	36	239.364	35	243.562	33	291.252	22
Norte Fluminense	93.112	15	123.819	18	148.442	20	397.428	33
<b>TOTAL</b>	<b>602.958</b>	<b>100</b>	<b>690.863</b>	<b>100</b>	<b>743.486</b>	<b>100</b>	<b>1.221.995</b>	<b>100</b>

*Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1920, e Laerne, C. F. van Delden, op.cit., pp 188 a 191*

A grande novidade dos dados do Recenseamento de 1920 foi a enorme expansão da cafeicultura do Vale Norte do Paraíba, na sua porção noroeste, nos tabuleiros e vales da região de Itaperuna. Este incremento é expresso pela taxa de crescimento desta lavoura que foi de 7,3% a.a., entre 1883 e 1920, bem superior a modesta média estadual.

**Tabela 3****Lavoura Cafeeira Fluminense**

	1883		1920	
	Pés de Café (produzindo mais novos)	% Estado	Pés de Café (produzindo mais novos)	% Estado
<b>Zonas Cafeeiras</b>				
Vale Sul do Paraíba	33.569.543	65	31.922.034	20
Serrana do Centro	10.568.000	20	35.105.720	23
Litorânea	1.503.000	3	3.487.435	2
Norte Fluminense	6.277.000	12	85.068.235	55

Em 1920 os principais estados produtores eram São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e o Espírito Santo. O café era uma cultura do Sudeste brasileiro e os sinais da crise da economia cafeeira

fluminense são evidentes na tabela 4, a cafeicultura capixaba tinha praticamente alcançado o volume de produção da fluminense e a distância da produção desta para a paulista e a mineira eram enormes. Um aspecto interessante e que sustenta a nossa hipótese de morte lenta desta lavoura no Rio de Janeiro fica demonstrado pelos dados de produtividade (tabela 4). Os velhos cafezais fluminenses tinham rendimento melhor do que os mineiros, tanto por hectare cultivado, como pela produção de 1.000 cafeeiros (Tabela 5). A lavoura do Espírito Santo tinha um rendimento próximo da média nacional que era puxada pela fabulosa produtividade das terras roxas paulistas. A relação entre estabelecimentos produtores e área cultivada mostra que o Rio de Janeiro tinha 8% dos estabelecimentos e uma área média de lavoura levemente acima da média nacional (tabela 5). A economia cafeeira mineira concentrava o maior número de estabelecimentos produtores (32%), em 29% da área de cafezais do País, esta pulverização expressa-se na área média abaixo da nacional. No Espírito Santo o café era cultivado em pequenos estabelecimentos com uma área média que era metade da brasileira. A economia cafeeira paulista era estruturada em estabelecimentos grandes e médios, pois a área média desta era o dobro da nacional.

**Tabela 4**

**Principais Estados Produtores de Café em 1920**

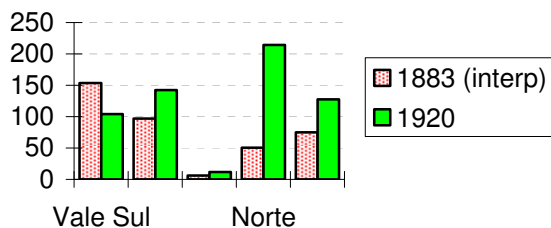
	Produção em milhões de sacas  (média das safras 1917-1920)	Produtividade	
		sacas/ha	sacas por 1000 cafeeiros
São Paulo	7873	7,7	9,6
Minas Gerais	2473	3,8	5,0
Rio de Janeiro	820	4,2	5,2
Espírito Santo	772	5,0	6,7
Bahia	148	2,0	3,0
<b>Brasil</b>	12086	5,5	7,1

*Fontes: Fraga, C.C. , Resenha Histórica do Café no Brasil, in Agricultura em São Paulo, 10(1), Janeiro de 1963, pp 1 a 15; Anuário Estatístico do Café, 1939/41, D.N.C., Rio de Janeiro*

Em 1920, 55% dos cafeeiros plantados no Rio de Janeiro estavam localizados no Norte Fluminense, contra 23% na Serrana Central, 20% no Vale Sul do Paraíba e 2% da Baixada. O café desta última zona de produção mantinha uma posição marginal desde a década de 1880. O café dominava totalmente a estrutura produtiva do Estado do Rio de Janeiro, 90% das cidades fluminenses plantavam café na virada do século.<sup>19</sup>

### Gráfico 1

#### Pés de Café por Habitante



Fonte: Elaborado a partir das tabelas 2 e 3

Nos anos compreendidos entre 1880/1920 a lenta agonia do café foi também vivida pelo segundo produto da estrutura produtiva rural do Rio de Janeiro: a cana-de-açúcar, que atravessava a pior crise da sua história; depois do fracasso da política imperial de implantação dos engenhos centrais, ainda nos anos 80 do século XIX, convivia com substituição do braço escravo e sofria a concorrência do açúcar pernambucano.<sup>20</sup>

<sup>19</sup>Conforme Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro Dr. Alberto Torres pelo Secretário de Obras Públicas e Indústrias Dr. Hermogêneo Pereira da Silva.

<sup>20</sup>Os engenhos param. O mato invade tudo. As lavouras se extinguem. Definham os canaviais. As algemas, as correntes oxidam-se com as moendas, os tachos, os alambiques imprestáveis. A sombra fugidia do negro livre eclipsa o sol do branco. Perde-se quase tudo. Quase porque tirante as salinas de Cabo Frio, um município escapa mutilado: Campos. Ali a rédua da escravaria retirante não tem para absorvê-la a Corte distanciada, insaciável de população. Premida pela miséria, a onda negra reflue em parte sobre as fazendas. E Campos morrendo no gemido dos engenhos, renasce nos apitos das usinas" Lamego Filho, "A Planície do Solar e da Senzala", citado por Carli, Gileno de, op. cit, pág.59/60..



**Tabela 5**

<b>Cultura Cafeeira no Brasil em 1920</b>					
	Nº de estabelecimentos	%	Area de Cafezais (ha)	%	Area média (ha/est.)
São Paulo	21.341	16,62	1.028.673	46,43	48,2
Minas Gerais	41.393	32,23	650.706	29,37	15,7
Rio de Janeiro	10.766	8,38	194.490	8,78	18,1
Espírito Santo	16.375	12,75	152.776	6,90	9,3
Bahia	17.415	13,56	71.144	3,21	4,1
BRASIL	128.424	100,00	2.215.658	100,00	17,3

Fonte: Recenseamento de 1920 - IBGE

Lentamente, ao longo dos anos 1890, a cultura canavieira foi se recompondo com a melhoria dos preços do açúcar no mercado internacional, embora este fosse um mercado muito oscilante e com preços mais deprimidos do que o café no longo prazo. As mudanças foram substanciais na economia açucareira, agora sob o apito das usinas. Entre 1890 e 1918 praticamente toda a indústria açucareira campista tinha sido vendida, a antiga nobreza canavieira havia perdido com a República, tanto os brasões como o patrimônio.<sup>21</sup>

Quanto ao café, o sucesso da política de valorização de 1906 (Convênio de Taubaté) tinha imprimido alento à combatida cafeicultura fluminense como demonstrou a expansão do altiplano de Itaperuna na primeira década deste século. Em 1910, o Estado do Rio de Janeiro possuía 31 usinas de açúcar nos municípios de Campos, Macaé, São João da Barra e em menor escala a lavoura de cana também estava presente nas cidades de São Fidélis, Itaocara, Itaperuna, Resende, Saquarema e Itaboraí. Observando o movimento demográfico entre 1872 e 1920 tem-se que cerca de 70% da população fluminense vivia nos municípios cafeeiros e açucareiros.<sup>22</sup>

A nossa hipótese de uma crise lenta e duradoura fica evidenciada nas tabelas 1, 2 e 3. A concentração populacional nos municípios cafeeiros realça a importância do café como fator de geração de renda e emprego. Em 1872, 76% da população da Província vivia nas zonas cafeeiras, para uma participação ligeiramente superior em 1920 de 78%. Isto é, o café continuava soberano no processo de acumulação regional.

<sup>21</sup>Sobre o assunto veja Castro Faria, S.,1986, capítulos 5 e 6.

<sup>22</sup>A Zona Vale Norte do Paraíba tinha essa dupla função, era cafeeira e praticamente detinha a maioria da produção de açúcar do Estado.

### **a) Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba**

As terras da "serra acima" na diretriz de Resende foram as primeiras a serem ocupadas pela expansão cafeeira que caminhou do Recôncavo do Rio de Janeiro nas décadas de 1810/1840. No princípio era um cultivo em pequena escala, o café se adaptava às terras do planalto e os fazendeiros aprendiam a manejar com a agricultura cafeeira.

O alto preço do café no mercado internacional depois da derrocada do Haiti como produtor mundial, estimulou o interesse dos plantadores fluminenses por essa lavoura. E assim, em 1835, plantar café não era mais uma aventura arriscada e a quantidade de pés de café que um fazendeiro possuía definia a sua riqueza.

A Zona Vale Sul do Paraíba caracterizava-se como uma região de colinas, mar de morros, entre a escarpa da Serra do Mar e os contrafortes da Mantiqueira. Margeando o rio Paraíba do Sul e seus afluentes (Paraibuna, Piraí, Piabanha, Flores, Preto) foram estes rios vias de penetração para as terras de Minas Gerais e São Paulo. Cidades e vilas foram se propagando no rastro do café. No Vale Sul do Paraíba surgiram Resende, Vassouras, Valença, Paraíba do Sul. Segundo Taunay o café teve em Resende uma encruzilhada notável. Vencida a serra a expansão no Vale teve sua irradiação propagada por três vias de penetração: Barra do Piraí junção das lavouras do vale do rio Sant'Anna com as de Vassouras e Paraíba do Sul; de Vassouras o café ocupa as terras de Valença até atingir o rio Preto que divisa as terras mineiras e fluminenses; de Paraíba do Sul a agricultura cafeeira ocupou o vale do rio Paraibuna em direção a Juiz de Fora.

Em 1835, quando a Assembléia Provincial organizou judicialmente a Província do Rio de Janeiro, na Zona Vale Sul do Paraíba apenas Vassouras e Resende foram elevadas a comarcas <sup>23</sup> e pelo Atlas do Império do Brasil de 1868, já havia além das duas cidades citadas, Barra Mansa, Valença e Petrópolis. Com exceção de Petrópolis que não foi em meados do século um município cafeeiro, todos os demais tinham na exploração da lavoura de café sua principal fonte de renda.

Os registros de Laerne (1885) para o ano de 1883, são as únicas fontes de informações, quanto à distribuição dos cafezais pela Zona Vale Sul do Paraíba para a segunda metade do século XIX. As cidades de Valença, Vassouras e Paraíba do Sul concentravam 67% dos

---

<sup>23</sup>As oito comarcas em que foi dividida a Província foram: Niterói, São João de Itaboraí, Cabo Frio, Campos, Cantagalo, Vassouras, Resende e Angra dos Reis.

cafeeiros da região, 58% da população e 65% da mão-de-obra escrava (veja as tabelas 6 e 7). A análise da tabela 6 evidencia a trajetória de crise desta zona cafeeira. Todos os municípios ao longo de todo o período sofreram uma diminuição na mão-de-obra rural, a única exceção foi o desempenho de Petrópolis, que teve um grande incremento demográfico. No entanto, este não pode ser creditado totalmente ao café, mas ao desenvolvimento manufatureiro da cidade, com a instalação de importantes fábricas têxteis (Petropolitana, São Pedro de Alcântara, América Fabril, Petrópolis Fabril, Linha Estrela, Metropolitana). O crescimento do setor rural teve na cafeicultura seu principal incentivo, pois sendo inexistente nos anos 1880, apareceu com certa importância no Inquérito Agrícola de 1920.

O quadro mais dramático de esvaziamento foi o sofrido pelas cidades de Resende e Valença, que mantiveram a mesma população ao longo dos 50 anos descritos neste trabalho. Resende nos escritos da época áurea foi chamada da "Potosi do Café", no final de 1890 a sua Câmara Municipal assim se expressava: "O café é a lavoura *mater* no município ... com a Abolição do elemento servil e a conseqüente falta de capitais para o tratamento dos cafezais existentes e a plantação de novos tem esta lavoura decrescido na quantidade do produto" (WHATELY, 1987, p. 38). A produção cafeeira do município estava estagnada e se mantinha no mesmo nível de 1870, a crise da lavoura de café repercutiu fortemente com mudanças na estrutura do setor rural, tentou-se o algodão, mas foi a pecuária o melhor sucedâneo para a região e de uma maneira geral a solução encontrada para todo o Estado do Rio de Janeiro quando a decadência se tornou um caminho irreversível da agricultura fluminense.<sup>24</sup> Em 1906 Resende fornecia 1/3 da produção leiteira do Estado: "O leite abastece o nosso consumo e vai para fora, vendendo-se aqui o litro a 300 reis e na Capital Federal a 600 reis"<sup>25</sup>, as evidências indicam que esta transformação na estrutura produtiva também aconteceu embora em menor grau em toda a região. Descendentes do Visconde de Rio Preto também confirmam esta opção pela pecuária nas terras dos arredores de Valença, onde se localizavam suas fazendas. A Fazenda Secretário da família Corrêa e Castro (Barão de Campo Belo) foi vendida em 1908 ao Frigorífico

---

<sup>24</sup>Em 1891 o fazendeiro de café Rocha Leão organizou a Companhia de Centros Pastoris e André Werneck, neto do Barão de Pati de Alferes, fundou a Sociedade Resendense de Agricultura, com intercâmbio com o Instituto Zootécnico de Uberaba (MG) para desenvolver a pecuária da região.

<sup>25</sup>Resposta da Câmara Municipal de Resende ao Governo Estadual em 11 de agosto de 1898.

Anglo de Mendes e suas terras transformadas em pastagens.<sup>26</sup> Esta opção pela pecuária culminou com a criação em 1914 da Companhia de Laticínios Vassourense, que motivou o incremento do leite e seus derivados na região. (PADILHA, 1977, p. 60).

A tabela 6 que trata da evolução demográfica da Zona do Vale Sul do Paraíba mostra um lento processo de crescimento populacional. Pesquisas sobre a cafeicultura do Oeste Paulista de uma maneira geral apresentam a ocupação daquelas terras como um feito dos fazendeiros do Vale (fluminense e paulista), que migraram para as novas terras. Whately (1987) estudando o papel do café na cidade de Resende concluiu por uma forte migração de plantadores locais para as terras novas do Oeste Paulista. A citada tabela também ajuda a demonstrar o êxodo dos resendenses, onde a cidade de Resende aparece no período com uma população decrescente. Assim, como Resende, Valença e Barra Mansa também padecem do mesmo fenômeno. O caso de Piraí deve ser olhado um pouco diferente, não porque não tenha havido morte de cafezais, mas porque o decréscimo populacional passou também pelo desmembramento do município de Piraí.

Analisando a lavoura cafeeira nos anos de 1883 e 1920 observa-se um decréscimo dos cafezais na Zona Vale Sul do Paraíba e a relação habitantes/cafeeiros também acusa esse encolhimento da produção de café da região. (Tabela 7 e Gráfico 1). Olhando para os municípios a situação modifica-se um pouco com o surgimento de uma zona nova de produção cafeeira em Petrópolis e a expansão dos cafezais de Paraíba do Sul e Sapucaia. Valença apesar de manter plantações de café significativas, em 1920, sofreu uma redução de 50% na área cultivada com café. Dramaticamente Vassouras, em 1920, havia reduzido drasticamente os cafezais e ensaiava uma política de diversificação agrícola.<sup>27</sup> Provavelmente, ambos os motivos explicam o problema. A criação do município de Santa Thereza (hoje Rio das Flores) abocanhou área cafeeira das duas cidades o que provocou menores taxas de crescimento das lavouras e população daqueles distritos agrícolas.

---

<sup>26</sup> No Vale Sul do Paraíba tiveram o mesmo destino as fazendas: Maravilha, Arcozelo, Manga Larga, Várzea, São Luiz de Massambaia, Ribeirão, Sant'Anna, Conceição, Mata Dentro, Tinguá e Sertão. Cf. G.H. Faria Braga - Vassouras de Ontem, Vassouras (RJ), Asilo Barão do Amparo, 1975.

<sup>27</sup>Veja sobre o assunto: Padilha, S. " Da Monocultura à Diversificação Econômica - Um estudo de caso: Vassouras 1880/1930", Niterói, Tese de Mestrado ICHF/UFF, 1977, (mimeo).

**Tabela 6****Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba**

Ano	População									
	1872	%	1890	%	1900	%	1910	%	1920	%
Barra Mansa	25.803	12,16	21.607	9,56	21.926	8,83	27.355	9,47	26.622	7,56
Barra do Pirai			17.084	7,56	15.318	6,17	24.544	8,49	28.394	8,07
Pirai	25.559	12,05	15.758	6,97	13.355	5,38	16.280	5,63	14.222	4,04
Petrópolis	7.240	3,41	13.574	6,01	39.695	15,98	53.215	18,41	67.574	19,20
Paraíba do Sul	37.665	17,76	27.351	12,10	32.276	13,00	39.344	13,61	52.474	14,91
Resende	29.158	13,75	29.691	13,14	22.909	9,23	26.440	9,15	28.210	8,02
Sapucaia			17.804	7,88	15.499	6,24	18.893	6,54	19.100	5,43
Santa Theresa			12.973	5,74	14.702	5,92	18.317	6,34	14.389	4,09
Valença	47.222	22,26	33.623	14,88	36.869	14,85	27.715	9,59	41.389	11,76
Vassouras	39.467	18,61	36.483	16,15	35.786	14,41	36.883	12,76	59.551	16,92
TOTAL	212.114	100	225.948	100	248.335	100	288.986	100	351.925	100

Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912, Diretoria Geral de Esta

**Tabela 7****Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba**

Ano	Lavoura Cafeeira: Número de Pés de Café (milhares)							
	1883	%	1920	%	1927	%	1934	
Barra Mansa	3.345	9,96	1.978	6,20	3.594	9,64	3.765	
Barra do Pirai		0,00	1.711	5,36	2.722	7,30	2.851	
Pirai	3.460	10,31	299	0,94	750	2,01	818	
Petrópolis		0,00	2.586	8,10	3.095	8,30	3.243	
Paraíba do Sul	5.616	16,73	9.626	30,15	5.170	13,87	5.640	
Resende	3.437	10,24	2.412	7,56	4.330	11,61	4.659	
Sapucaia	881	2,62	1.984	6,22	3.156	8,47	3.240	
Santa Theresa		0,00	4.085	12,80	4.221	11,32	4.576	
Valença	9.469	28,21	5.769	18,07	8.666	23,25	8.733	
Vassouras	7.362	21,93	1.472	4,61	1.575	4,22	1.650	
TOTAL	33.570	100	31.922	100	37.280	100	39.175	

Fontes: Laerne, C. F. van Delden, op.cit., pp 188 a 191; Censo de 1920; Anuário Estatístico do Café, 1934 e 1938, D.N.C.

**b) Zona Serrana do Centro**

Os relatos dos viajantes estrangeiros do século passado, através da Província do Rio de Janeiro, descrevem a chegada do café nas terras do planalto central fluminense ainda na primeira metade do

século XIX.<sup>28</sup> A vila de Cantagalo foi o núcleo irradiador da expansão cafeeira regional e símbolo da riqueza do grande barão do café Antônio Clemente Pinto (o primeiro barão de Nova Friburgo), um dos maiores plantadores de café do Segundo Reinado. Em meados do século XIX Cantagalo e sua região foi o farto celeiro da terra fluminense.

O relevo da região é alto e acidentado, em alguns lugares ondulado - um mar de morros, separado por vales estreitos. Situada no reverso da Serra do Mar, suas colinas apresentam-se em vários níveis de altitude, decorrentes da erosão realizada pelos afluentes do rio Paraíba do Sul. Há um outro relevo mais baixo presente na região correspondente à transição entre a área serrana e a baixada litorânea, são patamares da Serra do Mar e tributária dos rios Macaé e São João, terra pantanosa e cheias de lagoas, onde abundou a lavoura canavieira. A área cafeeira predominou na região alta e acidentada.

As tabelas 8 e 9 mostram o movimento populacional e a lavoura cafeeira distribuídos pelos municípios da Zona Serrana do Centro. Olhando pelo prisma demográfico, observa-se o surgimento de várias cidades entre 1872/1920, a taxa de crescimento populacional foi de 2,17% a.a., no período, isto é, bem superior a média estadual (1,48%).

---

<sup>28</sup>Conforme Tschudi, J.J. van, op. cit.; Burmeister, H. , op. cit.; Saint-Hilaire, op. cit.; Spix e Martius, Viagem ao Brasil, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1978.

**Tabela 8****Zona Serrana do Centro****População**

	<i>Ano</i>	<b>1872</b>	<b>%</b>	<b>1890</b>	<b>%</b>	<b>1900</b>	<b>%</b>
Bom Jardim						18.081	11,55
Cantagallo		29.052	32,86	26.067	20,76	29.856	19,08
Carmo				9.502	7,57	8.939	5,71
Duas Barras						9.135	5,84
Macaé		25.334	28,65	35.793	28,51	42.015	26,85
Nova Friburgo		20.879	23,61	18.287	14,57	16.117	10,30
São Francisco de Paula						7.620	4,87
São Sebastião do Alto				5.879	4,68	7.176	4,59
Sta. Maria Madalena		13.150	14,87	21.091	16,80	8.523	5,45
Sumidouro				8.915	7,10	9.043	5,78
<b>TOTAL</b>		<b>88.415</b>	<b>100</b>	<b>125.534</b>	<b>100</b>	<b>156.505</b>	<b>100</b>

Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912, Diretoria Geral de Estatística.

**Tabela 9****Zona Serrana do Centro****Lavoura Cafeeira: Número de Pés de Café (milhares)**

	<i>Ano</i>	<b>1883</b>	<b>%</b>	<b>1920</b>	<b>%</b>	<b>1927</b>	<b>%</b>
Bom Jardim				5.832	16,61	11.204	21,72
Cantagallo		7.104	67,22	4.213	12,00	7.817	15,15
Carmo				1.450	4,13	2.850	5,52
Duas Barras				4.210	11,99	3.300	6,40
Macaé		502	4,75	4.940	14,07	7.788	15,09
Nova Friburgo		1.050	9,94	1.590	4,53	1.161	2,25
São Francisco de Paula				5.002	14,25	9.043	17,53
São Sebastião do Alto				602	1,72	757	1,47
Sta. Maria Madalena		1.912	18,09	5.917	16,85	5.684	11,02
Sumidouro				1.349	3,84	1.992	3,86
<b>TOTAL</b>		<b>10.568</b>	<b>100</b>	<b>35.106</b>	<b>100</b>	<b>51.596</b>	<b>100</b>

Fontes: Laerne, C. F. van Delden, *op.cit.*, pp 188 a 191; Censo de 1920; Anuário Estatístico do Café, 1934 e 1938, D.N.C.

Aparentemente pela análise das tabelas citadas teve-se um deslocamento da lavoura de café dos distritos de Cantagalo para as terras de Santa Maria Madalena/ São Francisco de Paulo e Duas Barras/Bom Jardim. Acontece que após o advento da República houve várias subdivisões das cidades serranas e esta segmentação diminuiu a área cultivada de café de Cantagalo. Duas Barras originou-se do desmembramento do município de Cantagalo e Bom Jardim de Nova Friburgo, embora esta última separação tenha sido também em terras limítrofes de Cantagalo. Em 1920, a Zona Serrana do Centro tinha nos municípios de Santa Maria Madalena, Bom Jardim e São Francisco de Paula (atualmente Trajano de Moraes) as mais importantes áreas cafeeiras regionais. Seguramente as terras destes municípios foram frente de expansão do café após a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Cantagalo. Esta, segundo definição do Cano(1977), criou novas terras, pela diminuição dos custos de produção destas áreas. Ao longo dos anos 1920, estes distritos mantiveram uma produção cafeeira proeminente, havendo mesmo uma recuperação da lavoura de café de Cantagalo e uma grande expansão desta no município de Macaé, isto é nas terras de Macabu. São Sebastião do Alto que tinha prosperado na economia cafeeira escravista, com a Abolição e as dificuldades de comunicação com as cidades vizinhas, tinha tido o desenvolvimento da economia cafeeira muito comprometido. Portanto, foi a menor área cultivada com esta lavoura na Zona Serrana do Centro.

O Recenseamento de 1920 demonstra que a maior cidade da região era a cidade de Macaé, seguida de Cantagalo e Nova Friburgo. O desenvolvimento de Macaé não pode ser apenas creditado à cultura cafeeira. A ocupação da área remonta ao século XVII, favorecida pela posição geográfica de maior acessibilidade ao Norte Fluminense e núcleo de expansão da economia canavieira, em torno da antiga Fazenda dos Jesuítas de Macaé (1630). Assim, teve-se uma conjugação das lavouras de cana e café, as duas maiores riquezas estaduais, presentes no município, o que explica o seu processo de crescimento. A recuperação das lavouras de café de Cantagalo foi acompanhada de um processo de diversificação agrícola, com a introdução da pecuária nas velhas terras cafeeiras. Nova Friburgo nunca teve uma produção de café significativa. Em 1883 era uma das quatro cidades da Zona Serrana do Centro com 10% dos cafeeiros da região, em 1920 era responsável por apenas 4,5% destes. O incremento demográfico de Nova Friburgo deveu-se mais a criação de um setor industrial têxtil e metalúrgico e a abertura de vias de comunicação com o Rio de Janeiro como



escoadouro de café do interior serrano pela Estrada de Ferro Cantagalo.

### **c) Zona Litorânea ou da Baixada**

Esta zona engloba praticamente toda a costa Atlântica do Estado do Rio de Janeiro. Da zona costeira de Macaé até Parati no limite com o Estado de São Paulo. Do Recôncavo da Baía da Guanabara (ou do Rio de Janeiro como a denominou o Marques de Lavradio no século XVIII), o café a partir de São Gonçalo invadiu as terras da Baixada Fluminense, nos sentidos leste/oeste, ocupando antigos canaviais e derrubando matas. O ciclo cafeeiro foi curto nos municípios da Baixada, em cujos morros e encostas rapidamente se expandiram os cafezais para desaparecerem depois com igual rapidez. (BERNARDES, 1971, p. 5)

Na busca de abrir caminhos para as terras de Minas Gerais se reintensificou a utilização das primitivas trilhas indígenas, principalmente as que partiam de Parati (o caminho dos guayanazes). Como a política colonial era não permitir a abertura de novos caminhos, para a costa, para facilitar a fiscalização da circulação do ouro, a posição de Parati como entreposto comercial de acesso ao planalto paulista e mineiro foi por essa circunstância fortalecida. Com o advento do café, Parati como Angra dos Reis, Mangaratiba e outras localidades costeiras serviram de portos marítimos para o escoamento da produção do Vale Sul do Paraíba. Angra dos Reis até 1864, foi o segundo porto em movimento do Sul do Brasil. A chegada da ferrovia deslocou a produção de café destes entrepostos intermediários e o café passou a ser recolhido por via férrea e diretamente conduzido ao Rio de Janeiro.

Apesar de sua denominação já definir de uma maneira geral o seu relevo, esta região não é uniformemente uma zona de baixios e aluviões. Algumas áreas como Capivari (atualmente Silva Jardim), Rio Bonito, Rio Claro e mesmo certas porções de Araruama apresentam uma topografia montanhosa, correspondendo aos alinhamentos e a escarpa da Serra do Mar. Na área acidentada destas encostas com altitudes de até 1000 metros foi onde vicejou a cultura cafeeira e foi responsável pelo adensamento da ocupação em Araruama, Capivari, Saquarema, Maricá e Rio Claro.

Já em 1883 a cultura cafeeira na Baixada estava reduzida a uma produção marginal para as exportações de café do Rio de Janeiro. É interessante observar que, neste período, de consolidação do trabalho livre, as áreas cafeeiras da Baixada tiveram um declínio acentuado de

suas plantações. Havia uma pequena produção agrícola diversificada e mesmo os bens exportáveis como cana e café eram gêneros produzidos para o mercado doméstico (SANTOS, 1975 e CASTRO, 1988)).

A região acidentada vizinha da Zona Serrana do Centro foi a área propícia ao desenvolvimento cafeeiro da Baixada: Capivari, Rio Bonito, Sant'Anna do Japuiba (atualmente Cachoeiras do Macacu) e as terras altas de Araruama. O centro cafeeiro mais importante, ao longo de todo o período, foi o município de Capivari, que passou de uma participação de 27% , em 1883 para 66% em 1920 do total de pés de café da Zona Litorânea. A Zona Litorânea Sul compreende as cidades de Angra dos Reis, São João Marcos, Rio Claro, Iguazu, Itaguaí; estas tiveram reduzidas suas lavouras cafeeiras e em paralelo o crescimento de uma agricultura de subsistência (tabela 11).

**Tabela 10**

**Zona Litorânea**

População											Taxa de Crescimento Média	
	Ano	1872	%	1890	%	1900	%	1910	%	1920	%	% ao ano
Angra dos Reis		21.937	9,42	19.237	7,90	16.797	8,19	21.025	8,32	21.412	7,35	-0,05
Araruama		22.152	9,51	16.886	6,93	14.299	6,97	29.236	11,57	25.668	8,81	0,31
Barra de São João		9.355	4,02	11.630	4,77	10.679	5,21	14.760	5,84	13.910	4,78	0,83
Cabo Frio		19.498	8,37	10.382	4,26	8.791	4,29	10.979	4,34	16.475	5,66	-0,35
Capivari		17.387	7,47	21.481	8,82	17.572	8,57	21.420	8,47	25.406	8,72	0,79
Casimiro de Abreu				11.630	4,77	10.689	5,21	14.760	5,84	13.910	4,78	0,60
Iguazu		21.175	9,09	19.709	8,09	18.629	9,08	32.105	12,70	33.396	11,47	0,95
Itaboraí		24.252	10,41	23.973	9,84	21.194	10,33	2.680	1,06	27.760	9,53	0,28
Itaguaí		13.996	6,01	13.569	5,57	11.177	5,45	13.128	5,19	15.771	5,41	0,25
Mangaratiba		7.621	3,27	8.486	3,48	7.211	3,52	15.089	5,97	7.763	2,67	0,04
Maricá		16.308	7,00	10.373	4,26	10.270	5,01	19.608	7,76	18.037	6,19	0,21
Parati		12.275	5,27	10.765	4,42	9.900	4,83	12.680	5,02	13.544	4,65	0,21
Rio Bonito		25.964	11,15	27.017	11,09	18.367	8,96	19.396	7,67	24.999	8,58	-0,08
Rio Claro		3.477	1,49	8.973	3,68	8.036	3,92	7.500	2,97	9.787	3,36	2,18
Sant'Ana do Japuiba				16.123	6,62	11.046	5,39	14.110	5,58	16.010	5,50	-0,02
São João Marcos		17.516	7,52	13.328	5,47	10.414	5,08	4.269	1,69	7.404	2,54	-1,78
<b>TOTAL</b>		<b>232.913</b>	<b>100</b>	<b>243.562</b>	<b>100</b>	<b>205.071</b>	<b>100</b>	<b>252.745</b>	<b>100</b>	<b>291.252</b>	<b>100</b>	<b>0,47</b>

Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912, Diretoria Geral de Estatística.

Esta pequena participação na economia cafeeira refletiu-se no movimento demográfico. A Zona Litorânea apresentou um incremento populacional quase nulo, bem aquém da própria taxa de crescimento do Estado do Rio de Janeiro, que já não foi alta (veja a tabela 10)

As cidades mais populosas em 1920, Iguaçú e Itaboraí, pouco tinham que ver com a economia cafeeira. Suas atividades produtivas estavam ligadas a cana e a uma rede de intermediação com a cidade do Rio de Janeiro. O núcleo cafeeiro de São João Marcos, que em 1872 tinha algum significado virou, com o desaparecimento do café no início do século XX, uma cidade morta como Monteiro Lobato descreveu o Vale Paulista. De uma maneira geral o que a tabela 13 retrata é uma rede de pequenas cidades e vilas que mantiveram o mesmo adensamento populacional ao longo de 50 anos.

**Tabela 11**

Zona Litorânea

Lavoura Cafeeira: Número de Pés de Café (milhares)

<i>Ano</i>	1883	%	1920	%	1927	%	1934	%	1937	%	% ao ano
Angra dos Reis			3	0,05	163	2,94	171	1,58	160	1,48	26,87
Araruama	580	28,39	89	1,72	850	15,38	1.000	9,21	830	7,70	14,40
Barra de São João	570	27,90	1.711	33,00	ND		5.000	46,07	ND		19,49
Cabo Frio			11	0,22							NA
Capivari	400	19,58	2.320	44,75	2.574	46,56	2.574	23,72	2.790	25,88	17,81
Casimiro de Abreu									5.095	47,26	NA
Iguaçú	258	12,63	19	0,36							12,30
Itaboraí					51	0,92	51	0,47			NA
Itaguaí			133	0,24	67	1,22	71	0,65			13,14
Mangaratiba			50	0,97							NA
Maricá	165	8,08	13	0,24	98	1,76	98	0,91	100	0,93	12,60
Parati			85	1,65	128	2,32	135	1,24			3,32
Rio Bonito	20	0,98	315	6,08	375	6,78	396	3,65	345	3,20	19,80
Rio Claro			126	2,43	77	1,39	81	0,75	120	1,11	-0,28
Sant'Ana do Japuíba			357	6,90	1.030	18,64	1.146	10,55	1.230	11,41	7,54
São João Marcos	50	2,45	71	1,37	115	2,08	130	1,20	110	1,02	15,32
<b>TOTAL</b>	<b>2.043</b>	<b>100</b>	<b>5.183</b>	<b>100</b>	<b>5.528</b>	<b>100</b>	<b>10.854</b>	<b>100</b>	<b>10.780</b>	<b>100</b>	<b>17,20</b>

Fontes: Laerne, C. F. van Delden, *op.cit.*, pp 188 a 191; Censo de 1920; Anuário Estatístico do Café, 1934 e 1938, D.N.C.

#### **d) Zona Norte Fluminense ou Vale Norte do Paraíba**

A ocupação econômica do Norte Fluminense foi a última etapa da marcha do café pelas terras do Rio de Janeiro. Foi um caminho percorrido na ponta dos trilhos, como o poeta Manuel Bandeira, chamou o polo irradiador da cultura cafeeira na região, a cidade de Itaperuna e desta forma diferencia-se esta marcha da expansão ocorrida no Vale Sul do Paraíba feita no lombo das mulas e picadas no mato. Na Zona do Vale Norte do Paraíba devem-se distinguir duas áreas agrícolas bem demarcadas: a planície quaternária, onde dominou (a) a cultura canavieira e uma outra formada por serras, cristas, morros e tabuleiros que se estendem a oeste, noroeste e norte da cidade de Campos. O rio Paraíba do Sul teve grande influência na formação do relevo e no adensamento populacional da região.

Em meados do século XIX, as cidades de Campos e São Fidelis representavam os maiores núcleos habitacionais do Norte Fluminense. A economia da região desenvolvia-se na baixada campista, baseada na agricultura canavieira e no café na porção noroeste. Nas cercanias de São Fidelis também fazia-se a exploração de madeiras de lei e praticava-se a criação de gado. Foi o mineiro José de Lannes que por volta de 1830 instalou-se na região de Itaperuna, organizou fazendas de gado e produzia milho, arroz e feijão. As iniciativas da família Lannes passaram a atrair população para o núcleo pioneiro. Quando o café chegou a região encontrou um solo propício ao seu desenvolvimento, florestas e uma superfície ondulada de mar de morros e patamares cristalinos. Os abundantes recursos florestais da região foram lentamente sendo derrubados para a implantação dos novos cafezais.

## Tabela 12

Zona Norte Fluminense ou Vale Norte do Paraíba

População	Ano	1872		1890		1900		1910		1920		Taxa de Crescimento Média
		%	%	%	%	%	%	%	%	% ao ano		
Campos		89.243	67,41	78.036	52,57	90.706	40,64	147.560	52,37	175.850	40,46	1,42
São Fidélis		43.147	32,59	23.441	15,79	25.195	11,29	23.096	8,20	41.356	9,52	-0,09
Cambuci						21.378	9,58		0,00	35.937	8,27	2,63
Itaocara				10.288	6,93	17.307	7,75	21.097	7,49	31.088	7,15	3,75
Santo Antônio de Pádua				23.594	15,89	29.435	13,19	36.722	13,03	59.590	13,71	3,14
Itaperuna				13.083	8,81	39.187	17,56	53.266	18,91	90.807	20,89	6,67
TOTAL		132.390	100,00	148.442	100,00	223.208	100,00	281.741	100,00	434.628	100,00	2,51

Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912, Diretoria Geral de Estatística.

Em 1883 a lavoura cafeeira estava implantada na região de São Fidelis que produzia 80 % do café regional, São Antônio de Pádua começava sua trajetória de grande produtor e os tabuleiros de Itaperuna completavam as plantações do Norte Fluminense. O fabuloso crescimento do café no Norte Fluminense fica explicitado na tabela 16, pela taxa anual de 7,30 % entre 1883 e 1920. A maioria destas terras eram no início do século XX zonas pioneiras de expansão do café como definido por Castro (1969) e nestas novas áreas produtoras os grandes núcleos cafeeiros regionais foram: Itaperuna, Santo Antônio de Pádua e Cambuci. Esta última foi uma região desmembrada de São Fidelis e Itaperuna, que apresentou vertiginoso desenvolvimento com a chegada da Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua e a construção junto da estação ferroviária de uma máquina de beneficiar café que permitiu aglutinar os pequenos produtores locais.

Campos, com suas produções de açúcar e café, representava em 1920 a cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, seguida de Itaperuna; Niterói, a capital ficava em terceiro lugar. As economias exportadoras do café e do açúcar comandavam o processo de geração de renda estadual. A economia cafeeira da Zona Norte Fluminense foi organizada por pequenas e médias propriedades, sem a mística dos grandes plantadores que centralizaram a lavoura de café do Vale Sul

do Paraíba.<sup>29</sup> Itaperuna que possuía a maior área cultivada com café no Estado, 38.136 hectares distribuídos por 1.371 propriedades. O desenvolvimento da produção cafeeira na região perdurou até os anos 1930, quando as primeiras políticas de erradicação do café no Estado começaram a ser implantadas e a cafeicultura fluminense entrou em declínio definitivamente.

### Tabela 13

Zona Norte Fluminense ou Vale Norte do Paraíba

Lavoura Cafeeira: Número de Pés de Café (milhares)

	Ano	1883	%	1920	%	1927	%	1934	%	1937	%
Campos		230	4,04	5.073	6,13	12.353	10,93	16.000	18,49	14.518	9,93
São Fidélis		5.122	89,91	5.139	6,21	9.930	8,78	14.900	17,21	14.320	9,79
Cambuci				12.466	15,07	17.700	15,66	21.000	24,26	18.200	12,45
Itaocara				2.970	3,59	3.438	3,04	3.505	4,05	5.510	3,77
Santo Antônio de Pádua*		345	6,06	26.556	32,11	21.469	18,99	26.150	30,21	24.040	16,44
Itaperuna				30.509	36,88	48.164	42,60	5.000	5,78	69.620	47,62
TOTAL		5.697	100,00	82.714	100,00	113.053	100,00	86.555	100,00	146.208	100,00

Fontes: Recenseamentos de 1872 e 1920, Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro, 12/9/1887, Laerne, C.F. vai

### Considerações finais

A marcha do café nas terras do Rio de Janeiro, do sul ao norte da bacia do Rio Paraíba do Sul, povoou a terra, criou riquezas, mas esgotou o solo deixando ao fim apenas a destruição de matas e terras. A cultura cafeeira na sua trajetória de obter cada vez maiores lucros exigia uma técnica devastadora, e onde passava o café o chão se exauria. Primeiro os escravos, depois os colonos e sitiantes, viveram na penúria, levando uma vida sem recursos nem apoio. A esse lado perverso devem contrapor-se as fabulosas fortunas acumuladas ao longo dessa trajetória.

A partir de 1850 os capitais gerados no interior da economia fluminense construíram estradas de ferro, revolucionando os meios de transporte da sociedade. Os trilhos criaram a unidade regional: possibilitaram a integração do território da província e a substituição

<sup>29</sup> Everardo Andrade Dadinho pesquisando 58 inventários post-mortem em Itaperuna para os anos de 1890 - 1931 concluiu que a área média das propriedades no município foi de 222 ha. em 1910 caindo para menos de 100 ha. em 1931. " População, Terras e Cafezais no Antigo Município de Itaperuna: 1890 -1931", Niterói, História/UFF, Trabalho Final do Curso de História Agrária do Brasil e da América Latina, 1986, mimeo.

dos velhos cafezais pelas novas terras do planalto e vão transformar os aluviões do planalto campista éden do café. A cultura cafeeira continuou sua marcha para frente, as ferrovias asseguraram o escoamento e a lucratividade da produção agrícola, transformaram o acidentado terreno fluminense em artérias por onde fluíam as mercadorias e riquezas e consolidou a firme posição da cidade do Rio de Janeiro como centro econômico de toda a região.

A crônica anunciada da morte do café fluminense se revela na lenta, mas definitiva, agonia dessa lavoura, desde as primeiras décadas republicanas até as políticas de erradicação do café promovidas pelo governo federal nos anos de 1930. Essa trajetória de crise escondeu a relativa lucratividade dos negócios cafeeiros, possibilitando que os plantadores fluminenses não perdessem suas terras e posteriormente transformassem seus velhos cafezais em pastagens para uma pecuária de baixa produtividade.

## **Referências Bibliográficas**

### **Fontes Oficiais**

BRASIL, **Recenseamento Geral do Brasil, 1872, 1890, 1900 e 1920**, Directoria Geral de Estatística, vários; **Estatísticas Históricas do Brasil**, Rio de Janeiro, FIBGE, 1987. Anuários Estatísticos - vários anos.

BRASIL, - Departamento Nacional do Café, **O Café no Segundo Centenário de sua Introdução no Brasil**, Rio de Janeiro, 1934.

—, **Anuário Estatístico do Café** - vários anos.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro**, vários anos.

—, **Mensagens do Presidente do Estado à ALERJ**, vários anos.

—, Silva, H.P. - **Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro Dr. Alberto Torres pelo Secretário de Obras Públicas e Indústrias Dr. Hermogenio Pereira da Silva**, 1898.

—, Bicalho, H. - **Relatório apresentado ao Presidente da Província do Rio de Janeiro**, 1862.

—, Furquim de Almeida, C.- **Carestia de Gêneros Alimentícios, Relatório**, 1/08/1858.

— , **Relatório da Secretaria de Obras e Indústrias**, em 18 de abril de 1893.

— , **Relatório do Engenheiro Inspector ao Diretor do Serviço de Povoamento**, 1909.

— , **Relatório de Joaquim Antunes de Figueiredo Jr. ao Presidente do Estado Dr. José Thomas Porciúncula**, 1892.

#### Periódicos

O JORNAL - **Edição Comemorativa do Bicentenário da Introdução do Café no Brasil**, São Paulo, 10/10/1927.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO - vários números.

#### Livros, Artigos e Teses

ALEMÃO, F.F. **O Café**, em Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Tomo 19, p.569-571.

ANDRADE DADINHO, E.P. - **População, Terras e Cafezais no Antigo Município de Itaperuna: 1890-1931**, Niterói, Trabalho de Conclusão do Curso de Mestrado em História/UFF da disciplina História Agrária do Brasil, 1986. (mimeo)

BERNARDES, L.M.C., - **Considerações sobre a Região do Rio de Janeiro** em Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, vol. 33, nº 4, 1971.

BRAGA, G. H. FARIA, "Vassouras d'Ontem", Vassouras (RJ), Asilo Barão do Amparo, 1975.

BUESCU, M. **Brasil: Problemas Econômicos e Experiência Histórica**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1985.

BURMEISTER, H. **Viagem ao Brasil. Através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**, Belo Horizonte, Editora Itatiaia/USP, 1980.

CANO, W. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1977.

CASTRO, A.B. **Sete Ensaio sobre a Economia Brasileira**, Rio de Janeiro, Cia. Editora Forense, 1969, 2 vols.

DE CARLI, G **A evolução do Problema Canavieiro Fluminense** , Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1942.

ETESSE, M. **A cultura cafeeira no Brasil**, in: Revista do Instituto do Café, Rio de Janeiro, Ano VI, janeiro de 1932.



FARIA, S.C. **Terra e Trabalho em Campos de Goitacazes (1850-1920)**, Niterói, ICHF/UFF, Tese de Mestrado, 1986.

FERREZ, G. **Pioneiros da Cultura de Café na Era da Independência**, Rio de Janeiro, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1972.

FRAGA, C.C. **Resenha Histórica do Café no Brasil** in: "Agricultura em São Paulo" Boletim da Divisão Econômica Rural, São Paulo, 10 (1), 1963.

FRAGOSO, J.L. **O Império Escravista e a República dos Plantadores** in: LINHARES, M.Y. **História Geral do Brasil**(Org), Rio de Janeiro, Editora Campus, 1990.

LAERNE, VAN DELDEN C.F. **Brazil and Java: Report on Coffee Culture in America, Asia and Africa** to H.E. the Minister of the Colonies, London, W.H.

MAYA, R.C. **A Floresta**, Rio de Janeiro, Bloch, 1967.

MAUÁ, I.E.S., VISCONDE DE. **Autobiografia (Exposição aos Credores e ao Público) seguida de "O Meio Circulante no Brasil"**, Rio de Janeiro, Livraria Valverde, 1942.

MELO, H.P. DE, **O café e a Economia do Rio de Janeiro, 1888/1920**, Rio de Janeiro, IE/UFRJ, Tese de Doutorado, 1993.

PADILHA, S. **Da Monocultura à Diversificação Econômica - Um Estudo de Caso: Vassouras 1880/1930**, Niteroi, ICHF/UFF, Tese de Mestrado, 1977.

SOARES, S. F. **Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros no Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1860, Edição IPEA/INPES, 1977.

—, **Esboços ou Primeiros Traços da Crise Commercial da Cidade do Rio de Janeiro em 10 de Setembro de 1864**. Rio de Janeiro, E.E. Laemmert, 1864.

STEIN, S.J. **Vassouras - Um Município brasileiro do café, 1850-1900**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990.

—, **Aspectos do Crescimento e Declínio da Lavoura de Café no Vale do Paraíba 1850-1860** in: Revista de História da Economia Brasileira, Ano I, junho de 1953, nº 1

TSCHUDI, J.J. **Von Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**, Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda/USP, 1980.

WHATELY, M.C. **O Café em Resende no Século XIX**, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.